

SARTRE, J. P. **Verdade e Existência**. Trad. Marcos Bagno, ed. Nova Fronteira, S. Paulo, 1990, 124 p.

Sílvia Faustino de Assis Saes\*

"*Verdade e Existência*", escrito por Sartre em 1948, embora apresente um texto provisório e inconclusivo, mostra claramente as profundas dificuldades conceituais que ele enfrentou ao tentar encontrar os fundamentos possíveis de uma moral compatível com o existencialismo. A promessa de uma reflexão sobre a moral é feita no final de *O Ser e o Nada* (1943) e vincula-se intimamente à necessidade de encontrar um sentido ético para a noção de liberdade e de preencher, de algum modo, o vazio de indicadores morais que dela se depreende. Como não há um Deus, nem uma "natureza humana" que possam servir de auxílio ao homem na determinação e na escolha de seu projeto, sendo ele próprio o único responsável pela sua vida, a existência humana se defrontaria com a ausência total de valores norteadores da ação e, com isso, correria o perigo de parecer escoar-se na mais pura gratuidade. De tanta liberdade, ao invés de agir, o homem poderia paralisar-se sem saber o que fazer com ela.

A liberdade é, para Sartre, não um atributo ou uma propriedade da condição humana, mas sim a sua própria essência. O homem é obrigado a fazer-se (em vez de ser) e a escolher-se (em vez de aceitar um destino), mesmo num quadro de escassez, alienação ou desumanidade. Por mais limitadas que sejam as condições de existência, sempre se abrirá, a partir delas, um campo de possibilidades, frente ao qual todo homem é livre e, por esta razão, responsável para fazer, com sua ação, a sua escolha. Por isso, toda ação livre implica necessariamente uma falta objetiva, um futuro desejável, um vir-a-ser projetado partindo do que é (o ser) em direção ao que ainda não é (o nada). O homem jamais poderia ser concebido, para Sartre, sem a carência, a transcendência e o projeto.

Ao existencialista ateu preocupa, entretanto, assegurar que toda e qualquer escolha não é gratuita, uma vez que coincidirá sempre com a afirmação de um valor: escolher ser isto ou aquilo é, ao mesmo tempo, afirmar o valor do que se escolhe. A escolha ganha seu sentido ético no ponto em que, ao escolher-se, cada homem cria em ato uma imagem do homem como julga que deve ser. Este é o sentido de dizer que "ao escolher-me, escolho o homem". A dificuldade, no entanto, consiste em que não existe liberdade sem escolha e, ao mesmo tempo, a liberdade deve ser o fundamento de todas as escolhas. Para sair dessa circularidade, surgida no plano da escolha individual de cada um e para evitar que a liberdade de criação dos valores conduza à extrema angústia e à inação, Sartre passa a considerar que a busca

---

\* Mestranda em Filosofia da Linguagem pela USP.

dos valores deverá ser feita no plano da intersubjetividade, plano em que o valor ético da escolha de cada um engloba e participa do sentido da História.

"*Verdade e Existência*" poderia ser visto como a tentativa de encetar o caminho que levaria Sartre à construção de uma moral da ação e do compromisso, completando o que faltara à ontologia fenomenológica de *O Ser e o Nada*. Mas o caráter conciso e fragmentado do texto não permite vislumbrar nenhum avanço nesse sentido. Mesmo quando Sartre procura refletir sobre o papel da História na determinação dos valores, a sua reflexão inevitavelmente se volta à noção do homem como carência, transcendência e projeto, tal como fora explicitada à exaustão em *O Ser e o Nada*. Tanto é que, ao sugerir que a verdadeira moralidade deva ser buscada na "historialização" (ultrapassagem objetiva de uma época) e não na "historicidade" (o pertencer objetivo de uma época), Sartre simplesmente retoma a idéia de que, assim como a própria escolha, o seu valor ético deve estar ancorado não no "destino coagulado" da historicidade - isto é, na realidade concreta de uma época, de um lugar, de uma comunidade - mas nos fins livremente projetados pelos homens - isto é, na possibilidade de transcender uma situação dada.

A reflexão sobre o modo como um projeto existencial engendra e, ao mesmo tempo, recusa, seja uma época, seja uma condição material dada, paulatinamente conduzirá Sartre à tentativa de conciliar o existencialismo com o marxismo, em suas últimas obras, *Questão de Método* (disponível na coleção *Os Pensadores*) e *Crítica da Razão Dialética*, ambos de 1960. Pena que as passagens de "Verdade e Existência" que apontam para o pensamento maduro sejam muito breves e que as retomadas incessantes de conceitos advindos de *O Ser e o Nada* não sejam, acompanhadas de qualquer explicação ou aprofundamento. Isso limita o ensaio como obra de consulta e talvez nos explique a razão de Sartre tê-lo conservado na gaveta enquanto viveu. Quanto à moral aventada no ensaio, nunca chegou a ser realmente escrita. Caso chegasse, Sartre apresentaria ao século XX um valioso contra-exemplo à concepção de Wittgenstein, um contemporâneo seu, para quem toda proposição ética é, por natureza, *nonsense*.

Vale notar que o ineditismo deste ensaio é, no Brasil, suavizado pelo fato de chegar, aqui, tão inédito quanto são ainda *O Ser e o Nada* ou a *Crítica da Razão Dialética*, obras clássicas da filosofia de Sartre e de leitura obrigatória para quem deseja conhecer o existencialismo francês. *Verdade e Existência* certamente contentará àqueles que se deixam facilmente seduzir pelas publicações póstumas de textos inacabados ou aos que já tem conhecimento do pensamento filosófico de Sartre. Aos que ainda não o conhecem talvez seja prudente consultar as boas traduções da coleção *Os Pensadores*, ou pacientemente esperar que, algum dia, as editoras brasileiras voltem sua atenção para as publicações de textos clássicos, na grande maioria das vezes, aqui, igualmente inéditos.